

O mundo se reúne para se salvar

CONFERÊNCIA DA ONU sobre Mudanças Climáticas, a COP24, vai até o dia 14 em Katowice, na Polônia, com a participação de 196 países

Sob o clima gelado do inverno polonês, a cidade de Katowice deu início ontem à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP24). A ONU espera que os 196 países-membros possam fazer um plano de ação e mostrem como vão implementar o chamado Acordo de Paris, firmado em 2015 pelas nações com a meta de conter as emissões de gases do efeito estufa e manter o aumento da temperatura global abaixo de 2°C, se possível em até 1,5°C.

O objetivo da conferência é aprofundar a questão dos financiamentos de ações climáticas, considerando a meta de doação de pelo menos US\$ 100 bilhões por ano de países desenvolvidos para as nações de menor renda. A ONU também pretende estimular os países a promoverem ações co-

“Este ano deverá ser um dos quatro mais quentes já registrados. As concentrações de gases do efeito estufa na atmosfera atingiram um nível recorde. Os impactos da mudança climática nunca foram tão graves. Esta realidade nos diz que devemos fazer muito mais. A COP24 deve tornar isso possível.”

PATRICIA ESPINOSA
Secretária-executiva da ONU
sobre Mudança do Clima

mo a proteção de florestas e outros ecossistemas que têm a capacidade de absorver gases causadores do efeito estufa.

– A ciência mostra claramente que temos apenas uma década para reduzir as emissões de gases do efeito estufa – ressalta Johan

Rockström, do Instituto Potsdam para Pesquisa sobre o Impacto Climático (PIK). – É por isso que temos que começar agora.

Caso contrário, argumenta Rockström, os governos de hoje permanecerão “lembrados por gerações por seu fracasso”. Ambientalistas apontam para os riscos do aquecimento global, como desastres climáticos, impacto na saúde e na produção agrícola.

Durante o evento, que será encerrado no dia 14, Katowice, com aproximadamente 300 mil habitantes, deve receber cerca de 11 mil delegados de vários países. Nos últimos anos, a área de mineração de carvão, principal base energética da Polônia, foi revitalizada na cidade, que tem se tornado referência por adotar novas tecnologias, modernizar o setor de negócios e atrair investimentos sustentáveis.

SEDE É EXEMPLO DE TRANSIÇÃO ECOLÓGICA

No fim da COP23, em 2017, cerca de 20 países anunciaram que pretendiam abandonar o uso do carvão na próxima década. A escolha de Katowice como sede da 24ª conferência foi emblemática: a cidade polonesa passou por uma transformação nas últimas duas décadas para reduzir o uso desse combustível extremamente ameaçador para o ambiente. Na foto, uma vista aérea do centro do município, com a sede do evento ao fundo.



Brasil terá participação mais enxuta no evento

O Brasil seria a sede da COP25, em novembro de 2019, mas, na semana passada, o governo Temer retirou a candidatura, alegando “restrições fiscais e orçamentárias”. A decisão se reflete no enrugamento da delegação enviada à Polônia, com membros do Itamaraty e do Ministério do Meio Ambiente, entre outros órgãos do governo federal, da academia e da sociedade civil.

Segundo o secretário de Mudança do Clima e Florestas, Thiago Mendes, o Brasil deve se destacar no chamado Diálogo de Talanoa, momento em que os países compartilham diferentes experiências e esforços empreendidos para contenção das emissões de gás carbônico. Um total de 42 projetos nacionais, do setor privado e da

sociedade civil, será apresentado pelo ministro do Meio Ambiente, Edson Duarte. Mendes também disse que o Brasil mostrará “dados sólidos” de redução do desmatamento na Amazônia nos últimos 10 anos.

Coordenador-executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Alfredo Sirkis diz que o Brasil poderá perder o papel de articulador que construiu ao longo dos últimos anos, desde que se mudou a Rio-92:

– A delegação brasileira estará profundamente constrangida e inibida com a situação. E o Brasil, que sempre foi vanguarda nos processos negociadores, provavelmente será o mais discreto possível.

Para Sirkis, o Brasil tinha condições financeiras de realizar a COP

e poderia recuperar grande parte das despesas com a movimentação turística de 30 mil pessoas.

– Ou seja, não havia uma equação econômica que justificasse a não realização da COP. O problema foi essencialmente de natureza política – opina.

Thiago Mendes comenta:

– Não acredito que nossa participação vá ser alterada, porque historicamente o Brasil sempre teve uma delegação com um nível de qualificação muito alto. Isso não mudou. O que há é uma ausência de liderança dos países desenvolvidos. Com o posicionamento de (Donald) Trump (presidente dos EUA), você tem uma sinalização para outros países desenvolvidos seguirem o mesmo caminho (de sair do Acordo de Paris).

SINTOMAS DO AQUECIMENTO GLOBAL



Incêndio florestal na Grécia

RECORDES DE CALOR

Muito provavelmente, 2018 será o quarto ano mais quente desde que começaram os registros das temperaturas, em 1880, segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM). Assim, o século 21 já conta com 17 dos 18 anos mais quentes já registrados.

Neste verão o hemisfério norte, a Europa, o oeste dos Estados Unidos e a Ásia foram castigados por ondas de calor. Na Grécia, na Escandinávia, no Japão e na Argélia, por exemplo, foram reportadas temperaturas recorde e também incêndios gigantescos.

No Ártico, a extensão da banquisa de gelo se manteve muito abaixo da média durante todo o ano e registrou um recorde mínimo em janeiro e fevereiro. As geleiras do planeta também retrocederam pelo 38º ano consecutivo.

EFEITO ESTUFA

A concentração dos três principais gases causadores do efeito estufa – dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e óxido de nitrogênio (NOX) – alcançou novos máximos em 2017 e seu avanço prossegue este ano. A concentração de CO₂, um gás que persiste durante vários séculos, foi de 405,5 partes por milhão (ppm) em 2017. A última vez em que a Terra registrou concentração semelhante foi entre 3 milhões e 5 milhões de anos atrás, segundo a OMM. A temperatura na ocasião era de 2°C a 3°C mais alta, e o nível do mar, superior entre 10 e 20 metros ao atual.

ELEVAÇÃO DOS MARES

A elevação do nível dos oceanos, variável segundo as regiões, foi de 20cm, em média, no século 20. Atualmente, eleva-se 3,3mm anuais, e o fenômeno parece se acelerar. O nível dos mares aumentou de 25% a 30% mais rapidamente entre 2004 e 2015 com relação a 1993-2004.

O degelo das calotas de gelo da Groenlândia explica em parte este aumento. Mas a Antártica pode se tornar o principal motor: antes de 2012, o continente branco perdia 76 bilhões de toneladas de gelo ao ano. Desde então, a cifra disparou para 219 bilhões de toneladas.

CATÁSTROFES NATURAIS

Até 20 de novembro, a OMM tinha registrado 70 ciclones tropicais em 2018 contra uma média histórica anual de 53. De acordo com alguns estudos, o número de secas, incêndios, inundações e furacões ligados ao desarranjo do clima dobrou desde 1990.

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC), com +2°C ocorrerão ondas de calor na maioria das regiões e as precipitações associadas aos ciclones serão mais intensas. As perdas associadas às catástrofes naturais atingiram US\$ 520 bilhões anuais e jogam a cada ano 26 milhões de pessoas na pobreza, segundo o Banco Mundial.

ESPÉCIES AFETADAS

Das 8.688 espécies ameaçadas ou quase ameaçadas, 20% já foram afetadas pelas mudanças climáticas, dos ursos polares aos recifes de corais.



Furacão Florence nos EUA